

---

# TRANSEXUALIDADE FORÇADA,

---

## GÊNERO E O FILME

---

### A PELE QUE HABITO\*

---



Maria José Pereira Rocha\*\*  
Amanda Franciele de Jesus Leão\*\*\*

**Resumo:** *o propósito deste artigo é discutir a transexualidade e as questões de gênero, usando como referência estética a filme “A pele que habito” do cineasta Pedro Almodóvar, que a despeito das inúmeras discussões apresenta, na obra artística, proposições de desconstrução da distinção sexo e gênero. O filme lida com questões que diagnosticam a disforia de gênero e a questão da essencialização das categorias feminino e masculino e sua binaridade. Nesse sentido, o texto visa demonstrar que as noções de gênero ultrapassam as fronteiras da multidisciplinaridade, referentes aos estudos vigentes nas academias, ganhando visibilidade no mundo. Desse modo, serão tratados, entre outros, os problemas de gênero, relacionados ao feminismo, à subversão da identidade, da sexualidade e do gênero na experiência transexual.*

**Palavras-chave:** *Gênero. Transexualidade. Filme. Feminismo.*

O uso do conceito de gênero ultrapassou o âmbito acadêmico multidisciplinar e seu campo de utilização nos estudos feministas. Conquistou espaço legítimo e consolidado no movimento internacional no campo dos direitos humanos e na formulação de projetos de políticas públicas nos mais variados âmbitos.

Scott (1989, p. 5) argumenta que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. “O gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade”. Esta

---

\* Recebido em: 21.04.2017. Aprovado em: 12.09.2017.

\*\* Professora doutora do Mestrado em Serviço Social da PUC Goiás.

\*\*\* Mestranda em Serviço Social da PUC Goiás.

concepo relacional é advinda da preocupao de alguns de que os estudos feministas se focavam sobre as mulheres de modo demasiado, por isso, a noo de gênero seria capaz de entender de que homens e mulheres eram determinados em termos correspondentes e não poderiam ser entendidos separadamente. O gênero como categoria de análise teria a vantagem de sugerir uma transformao dos paradigmas do conhecimento tradicional. Dessa perspectiva,

*Gênero é uma categoria engendrada para se referir ao caráter fundante da construo cultural das diferenas sexuais, a tal ponto que as definioes sociais das diferenas sexuais é que são interpretadas a partir das definioes culturais de gênero. Gênero é assim uma categoria classificatória que, em princípio, pode metodologicamente ser o ponto de partida para desvendar as mais diferentes e diversas formas de as sociedades estabelecerem as relaoes sociais entre os sexos e circunscreverem cosmologicamente a pertinência da classificao de gênero (MACHADO, 2000, p. 5).*

Essa definio traa as principais características de um novo paradigma, Scott (1989, p. 6-7) abre uma discussão sobre gênero, como desafio teórico: “Como o gênero funciona nas relaoes sociais? Como o gênero d sentido  organizao e  percepo do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise”. Afirma que gênero é comumente empregado como sinnimo de mulheres, sendo utilizado em muitos estudos para substituir a terminologia “mulher”. Justifica-se ainda, que isso ocorre, pois gênero denota um cultismo e sisudez do trabalho “que tem uma conotao mais objetiva e neutra do que “mulheres”. O “gênero” parece se integrar na terminologia científica das ciências sociais e, então, se dissociar da política (pretensamente ruidosa) do feminismo”.

Isso, em parte, corresponde a uma verdade, mas ao mesmo tempo percebemos que nas últimas décadas o sentido político da categoria amplia ao conduzir para a elaborao de políticas em vários setores. Scott (1989) preconiza a utilizao do termo gênero de forma abrangente, incluindo homem e mulher em suas múltiplas identidades, hierarquias, precedência e relao de poder. Em sua própria definio de gênero, Scott (1989, p.14) afirma que gênero é “um elemento constitutivo de relaoes sociais fundadas sobre as diferenas percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relaoes de poder”.

As autoras Ortner e Whitehead (1981, p. 1) afirmam que as

*Características naturais de gênero e processos naturais de sexo e reproduo fornecem apenas um pano de fundo sugestivo e ambíguo para a organizao cultural do gênero e da sexualidade. O que  gênero, o que são homens e mulheres, que espécie de relaoes se obtm ou se deveria obter entre eles - todas essas nooes não são simplesmente reflexos ou elaboraoes a partir de “dados” biológicos, mas são produtos de processos sociais e culturais. A própria ênfase no fator biológico é variável nas diferentes tradioes culturais; algumas culturas afirmam que as diferenas entre machos e fêmeas são quase totalmente baseadas na biologia, enquanto outras do bem pouca ênfase às diferenas biológicas, ou supostamente biológicas.*

Existem duas reflexões importantes a serem feitas com relação a esse tipo de argumentos. Em primeiro lugar, há a insistência em uma distinção absurda entre sexo (biológico) e gênero (culturalmente construído). De fato, a distinção que sugerem é ainda mais drástica do que a dos argumentos que assumem que os sistemas de gênero são mecanismos culturais para controlar as diferenças sexuais e os problemas de reprodução social e biológica. É por isso, que essa distinção exclui totalmente qualquer possibilidade das ciências sociais abordarem a relação entre biologia e cultura. A dificuldade primordial, aqui, como assinalou Errington (1990), reside em como compreender os corpos humanos.

Os sentidos que são dados aos corpos e as práticas nas quais, os mesmos se envolvem são variáveis, cultural e historicamente. Entretanto, a experiência de consubstanciação, nas quais esses sentidos e práticas são incorporados como disposições e competências penduráveis dos agentes humanos reais. Bourdieu (1977) afirma que isto é algo que pode ser considerado universal. Embora a natureza exata dessa experiência seja diferenciada, a menos que os cientistas sociais estejam preparados para levar em conta a relação entre sexo biológico e gênero, deste modo, entre entidades biológicas e categorias sociais, isso pode acontecer.

A segunda questão levantada pelas reflexões, relacionadas às diferenças biológicas, são ou não latentes às construções de gênero que foi apontada por Yanagisako e Collier (1987), em uma discussão das relações entre gênero e parentesco.

Yanagisako e Collier (1987) discutem que tanto os estudos de gênero quanto os estudos de parentesco nas ciências sociais têm como alegação um padrão originário ocidental da reprodução humana. Esse padrão originário assume que a diferença entre mulheres e homens é natural, dada na biologia, portanto, pré-social, e que apesar de se elaborem construções sociais, a partir dessa diferença, esta em si não é observada como uma construção social. Tendo em vista que esse padrão originário ocidental assume que o gênero, em toda parte, se apoia numa distinção sexual binária, de base biológica, o que significa que essa análise tem como pressuposto uma dicotomia.

Assim, Yanagisako e Collier (1987) argumentam que os estudos de gênero e parentesco fracassaram no esforço de se libertarem de um conjunto de suposições, acerca das diferenças naturais entre as pessoas, apesar de seu compromisso com a perspectiva da construção social. Essa possibilidade auxilia na sua concepção de que tanto o sexo quanto o gênero são socialmente constituídos, um ligado ao outro. O convívio sexual e a reprodução humana não são somente processos fisiológicos, são também atividades sociais. A concepção de sexo, assim como o conceito de gênero, é construída dentro de um conjunto de sentidos e práticas sociais, logo, não pode ser um fato pré-social.

A conclusão a que chegam Yanagisako e Collier (1987) é que se reconhecermos que o conceito ocidental de sexo é socialmente construído, não se pode argumentar que este modelo particular de sexo “biológico” constitui em toda parte o “material cru” das construções de gênero, nem podemos argumentar que ele forneça, em toda parte, a base para a compreensão dos processos de reprodução humana.

*A noção de sexo permitiu agrupar, de acordo com uma unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres, e permitiu fazer funcionar esta uni-*

*dade fictícia como princípio causal, sentido onipresente, segredo a descobrir em toda parte: o sexo pde, portanto, funcionar como significante único e como significado universal. Além disso, apresentando-se unitariamente como anatomia e falha, como função e latência, como instinto e sentido, pde marcar a linha de contato entre um saber sobre a sexualidade humana e as ciências biológicas da reprodução; desse modo, aquele saber, sem nada receber realmente dessas últimas - salvo algumas analogias incertas e uns poucos conceitos transplantados - ganhou, por privilégio de vizinhança, uma garantia de quase cientificidade; mas, através dessa mesma vizinhança, certos conteúdos da biologia e da fisiologia puderam servir de princípio de normalidade  sexualidade humana (FOUCAULT, 1979, p. 144-5).*

A percepção de que o sexo como categoria única é algo determinado nas práticas e intermédio delas, implicando nitidamente que não se pode afirmar que o conceito ocidental de sexo seja implícito às construções de gênero em todo o mundo.

Para Errington (1990), o conceito de sexo se espelha em alguns outros aspectos. Para ela, se refere à natureza construída das categorias sexuais binárias e exclusivas.

*Os genitais [...] junto com os fluidos e substâncias corporais invisíveis das quais se acredita que sejam signos, são classificados nesta cultura [ocidental] como parte do domínio “natural”, “objetivo”, e supõe-se que os humanos dividem-se “naturalmente” em duas categorias, independentemente de idéias culturais ou instituições sociais - e tanto pessoas religiosas como biólogos evolucionistas seculares em geral acreditam que a principal raison d’être dessas duas categorias seja a reprodução. Chamarei essa taxinomia de Sexo, como ‘S’ maiúsculo... “Sexo” inclui todo o complexo de crenças sobre os genitais como signos de substâncias e fluidos mais profundos e sobre as funções e usos adequados dos genitais; a designação do corpo dentro da categoria do “natural” (ela mesma uma categoria culturalmente construída); e a divisão cultural de todos os corpos humanos em duas categorias de Sexo exaustivas e mutuamente exclusivas (ERRINGTON, 1990, p. 21).*

Apesar de afirmar que o “Sexo”  culturalmente construído, a autora tenta fazer a distinção entre “Sexo”, sexo e gênero. Pelo termo “Sexo” ela elege uma construção particular dos corpos humanos, e gênero se refere a simbolização do masculino e feminino. A questão de que todas as culturas tenham modos de fazer sentido de ou atribuir sentido a corpos e práticas corporificadas, incluindo processos fisiológicos e fluidos e substâncias corporais, significa que todas as culturas têm um discurso de “Sexo”, ou seja, esse discurso de “Sexo” mantm-se em uma relação de dependência parcial e autonomia parcial com outros discursos.

A complexidade do discurso sobre “Sexo”, de acordo Yanagisako e Collier (1987),  que a “naturalidade” da identificação sexual binária é supostamente reforçada pelo fato de que fêmeas biológicas e machos biológicos são indispensáveis para a reprodução sexual humana. Porém, não precisamos supor que em algum lugar do mundo existem pessoas inbeis de distinguir as diferenças entre a genitália feminina e masculina, ou que não compreendem os diferentes papéis que mulheres e homens exercm na reprodução sexual, para questionar a suposição de que as diferenças biológicas

entre mulheres e homens consistem uma base universal para categorizações culturais que denominam a cada indivíduo uma destas duas categorias fixas e distintas, “fêmea” e “macho”, à forma do discurso ocidental. Pois, devido a indício etnográfico para demonstrar que esse tipo de categorização binária é culturalmente específico e não surge automaticamente do reconhecimento das diferenças nos papéis e nas aparências físicas.

O filme *A pele que habito*, do cineasta Pedro Almodóvar, nos apresenta proposições de desconstrução da distinção sexo e gênero. Trabalha com questões que diagnosticam a disforia de gênero e o problema da essencialização das categorias feminino e masculino e sua binaridade.

### A SUBVERSÃO DE GÊNERO

O filme de Pedro Almodóvar, *A pele que habito*, rompe deliberadamente com questões de gênero no que se refere aos papéis feminino e masculino, concebidos de forma tradicional e presentes na construção social. Este diretor transgride ao narrar a possibilidade de outros papéis do feminino/masculino, por meio da transexualidade forçada.

Almodóvar se reinventa ao criar uma história que do começo ao seu epílogo nos desafia para a compreensão da desconstrução das crenças, sedimentadas na fixidez do masculino e do feminino, calçadas numa cultura heteronormativa. Neste sentido, Fontes e Pozzetti (2012, p. 70) afirmam que,

*Na intrigante película, é retratada uma história em que um cirurgião realiza uma transformação completa na aparência física, na voz, e mesmo na personalidade do estuprador de sua filha, transfigurando-o em uma mulher. Para tanto, o médico o submete a uma cirurgia de transgenitalização (vaginoplastia), além de tratamento hormonal e outros procedimentos médico-biológicos – como o implante de uma “pele” mais resistente, que havia criado.*

O título do filme, *A pele que habito*, nos dá a ideia inicial de habitar, de morada, de casa, e esta habitação, no caso, seria a nossa pele. Que por sua vez, age como uma cobertura de um corpo, exercendo a função de pele como órgão que envolve o corpo, demarcando o seu limite externo e, ao mesmo tempo, exercendo funções vitais para o funcionamento interno. Habitar uma pele é, portanto, estar na essência de um ser, manifestado na aparência da pele que nos envolve, delimita, apresenta e representa. Em vista disto, o título, ao prenunciar o lugar onde eu moro, já evidencia que a pele não é tudo aquilo que somos, mas aquilo que habitamos.

*A pele que habito* cria a viabilidade de discussão com um debate sobre transexualidade, incompatibilidade entre sexo anatômico e identidade, como uma desarticulação entre a essência do sujeito e a aparência do corpo, posto que a protagonista (Vicente/Vera Cruz) não tenha sido diagnosticada com transtorno de identidade de gênero, ou disforia de gênero. Apesar disso, Vicente se torna Vera, através de uma intervenção cirúrgica, conhecida como vaginoplastia, ou cirurgia de mudança de sexo, representando algumas das questões do debate sobre transexualidade.

O filme de Almodóvar nos remete a uma ambiguidade, devido a maneira que sugere a troca de sexo do personagem Vicente, que se torna ou não, Vera. Notamos que é crucial para a sustentação

dessa ambiguidade o fato de que Vicente é obrigado pelo médico (Dr. Robert) a se transformar em Vera. A troca de sexo nos  apresentada como castigo, e a vaginoplastia  consequência disso.

Após ter estuprado a filha do Dr. Robert, Vicente  sequestrado, aprisionado, torturado e obrigado a se submeter a uma cirurgia de mudança de sexo. Embora, Vicente tenha ficado horrorizado ao se ver no espelho transformado em mulher, ele é inúmeras vezes intimado a contribuir com o sucesso da cirurgia, neste momento, Robert apresenta a Vicente/Vera um conjunto de pnis artificiais de tamanhos diversificados e explica a Vicente/Vera que isso era imprescindível para a vida do personagem e que este deveria utiliz-los para fazer penetrações diárias a fim de garantir que o, então, canal vaginal não se fechasse. A aceitação de Vicente/Vera ao tratamento para mudança de sexo é sempre conflituosa e duvidosa.

Então, o filme nos faz acreditar que Vicente/Vera está, enfim, sendo complacente com a situação que lhe foi imposta, a essência de um sujeito masculino aderindo  aparência de um sujeito feminino. A possível aceitação de Vicente/Vera, sobre a sua nova condição de gênero, fica evidente quando Robert é pressionado por outro médico, que participou da intervenção cirúrgica, ao questionar Robert sobre a veracidade dos fatos, que lhe foi apresentado antes da cirurgia realizada em Vicente. Neste momento, Vera Cruz entra em cena para inocentar Robert.

A ambiguidade de Almodóvar colabora para inquirir os discursos médicos sobre disforia de gênero, na medida em que o personagem Robert passa a deter o controle, por meio de sequestro, sobre o corpo de Vicente/Vera Cruz em prol do seu conhecimento, a partir de uma separação entre sexo e gênero, que as teorias feministas julgam superadas.

*Se alguém “” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da “pessoa” transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece intersees com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das intersees políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2003, p. 20).*

Essa narrativa nos mostra ambiguidade e nos possibilita entender, que o médico, materializa em Vicente não somente a categoria de gênero, mas também, a categoria sexo, que só seria possível a sua existência dentro de uma prática normativa, capaz de produzir os corpos para govern-los. Então, o sexo não seria apenas uma condição esttica de um corpo, mas um processo pelo qual as normas materializam o “Sexo”.

É dessa maneira que Vicente/Vera Cruz representaria aquilo que Butler propõe ao pensar o gênero como um tipo de interpretação que pode se dar em qualquer corpo. Isso abstrairia, portanto, da ideia que sustenta a disforia de gênero, na qual, a cada corpo corresponderia somente um gênero. “O gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2003, p. 200).

Devemos nos lembrar que a relação de Robert com Vera/Vicente se realiza em função do que Vera Cruz parece ser, na pele que ela habita, independentemente de sua essência ou de um “eu”



supostamente autêntico. Vera Cruz/Vicente é, para Robert, acréscimo, aquilo que será colocado no lugar da esposa morta de Robert, porque esse lugar não seria constituído por um próprio, uma propriedade, mas seria desde sempre lugar de substituição. Em outras palavras, se o que há desde sempre é falta, nesse sentido, Vera/Vicente é suplemento, do mesmo modo que a esposa morta também era acréscimo, porque só existe falta. O filme nos dá a ideia de que Robert se interessa apenas pela pele que Vicente habita. Para que a transformação de Vicente ocorra lhe é ensinado hábitos, estilos, deveres, para que a transformação seja completa, Vicente deveria aprender a se portar como uma mulher.

No decorrer do filme, Vicente vai se transformando em Vera, embora tenha tentado várias formas de interromper essa transformação. Vicente se torna Vera. A partir do ponto, em que o personagem vai se adaptando à pele que lhe foi imposta, como se a aparência de Vera pudesse produzir a essência do sujeito que passa a sentir, a se expressar e a viver em harmonia com a sua aparência. Mas é, nesse momento, que ocorre a reviravolta do enredo, Vera/Vicente foge. Após ter conquistado a confiança de Robert, consegue uma arma, atira em Robert, em Maria – empregada da casa – e foge. Vera/Vicente vai em direção ao brechó onde sua mãe vende vestidos. Tenta explicar o que aconteceu, fala do sequestro, da cirurgia, da transformação, do médico. Sem obter sucesso, Vera/Vicente recorre ao vestido florido que está usando para provar que o que dizia era verdade.

Depois desse diálogo, o personagem afirma: “Sou Vicente”.

Almodóvar abre um questionamento após essa afirmação, quer dizer que somos mais e além da pele que habitamos? A afirmação “Sou Vicente” nos faz questionar sobre a essência e a aparência, a ideia de que somos além daquilo que somos, apesar do corpo, da pele, da sexualidade biológica. Embora sejamos submetidos a um conjunto de regras, são essas regras que me precedem e eliminam a perspectiva de um eu autônomo.

Para Berenice Bento (2006) lemos que o corpo é um texto socialmente construído, um arquivo da história do processo de produção-reprodução sexual que ganha inteligibilidade por intermédio da heterossexualidade condicionada e circunscrita pelas convenções históricas.

A pressuposição de Butler (2003) sobre a formação da identidade por meio da saudação do outro. Segundo o autor, as interpelações às quais os indivíduos estão sujeitos são feitas em consonância com a ideologia dominante, cujas mensagens subliminares modelam a subjetividade do indivíduo interpelado. Desta forma, ele assume a identidade que foi projetada sobre si. Diante disso, não se pode escapar da abordagem porque envolve uma imposição ideológica que antecede à aparição do sujeito. Em função de uma marca biológica, a sociedade patriarcal estabelece desde os espaços a serem ocupados pelos sujeitos até os desejos que os mesmos devem expressar: sempre pelo sexo oposto.

*As formas idealizadas dos gêneros geram hierarquias e exclusão, na medida em que os regimes de verdades estipulam que certos tipos de expressões relacionadas com o gênero são falsos ou carentes de originalidade, enquanto outros são verdadeiros e originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmo os sujeitos que não se ajustam às idealizações (BENTO, 2006, p. 94).*

Para Sophia Padilha Menezes e Maria da Conceição Bezerra dos Santos (2012), no filme, o médico trabalha de acordo com a instrução do conhecimento médico focado no modo biológico de

assimilar as subjetividades dos corpos norteadas pela lógica binária e coerente entre gênero e sexo. Assim, para Robert, os corpos-homens possuem pnis e sem este órgão o corpo deve necessariamente ser mulher e seguir comportamentos, modos e as regras rigidamente estabelecidas para o sexo feminino. O filme aborda um contexto sociocultural que surge através de uma noção de corpo como objeto passivo sobre o qual se inscreve um conjunto de significados culturais, reforçando a ideia de uma essência naturalmente masculina ou feminina, inscrita na subjetividade.

O gênero é o processo por meio do qual se constrói a coerência do sexo e pressupõe uma prática e um desejo heterossexual, o que resultaria numa revisão epistemológica de discursos heteronormativos. Vale ressaltar que hoje existe um interesse dos movimentos sociais e das proposições de políticas públicas identitárias por uma definição que diferencie as distintas categorias.

A obra *A pele que habito* transmite com clareza a possibilidade de fabricação de corpos na era da tecnologia que contribui para a subversão de conceitos norteados pela estabilidade das identidades. Por outro lado, ela nos convida  reflexão sobre a construção identitária que ocorre de uma forma gradual e temporal, argumentação esta que pode ser reforçada, especialmente pela experiência vivenciada pelo personagem Vicente/Vera. Por isso, movido por impulsos obsessivos este personagem investe na própria feminilidade para seduzir Robert que é morto tragicamente pela manipulação de um corpo que passou a ser controlado e monitorado.

A obra *A pele que habito* foi de suma importância para a construção desse artigo, movida pela proposta de problematizar as rígidas fronteiras estabelecidas às configurações de gênero. Buscando o entendimento das condições sociais que implicam nas subjetividades dos corpos. Com isso, a contribuição, deste trabalho, para a problematização dos questionamentos sobre gênero e sexualidade tratando de processos de reformulação de conceitos relacionados à construção das identidades. Por isso, *A pele que habito* estende a percepção sobre novas possibilidades de construção das subjetividades que vão além da normatização dos corpos.

#### TRANSSEXUALITY, GENDER AND FORCED THE FILM *SKIN HABIT*

**Abstract:** *the purpose of this article is to discuss transsexuality and gender issues, using as a reference the aesthetic film "skin habit" of filmmaker Pedro Almodóvar, who despite numerous discussions presents, in artistic work, propositions of deconstruction of the sex and gender distinction. The film deals with issues that diagnose the gender dysphoria and essentialisation of male and female categories and your binaridade. In this sense, the text seeks to demonstrate that the notions of gender beyond the borders of multidisciplinary, referring to current studies in academies, gaining visibility in the world. That way, you will be treated, among others, the issues of gender, feminism, related to the subversion of identity, sexuality and gender in the transsexual experience.*

**Keywords:** *Genre. Transsexuality. Movie. Feminism.*

#### Referncias

BENTO, Berenice. *A reinveno do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.



- BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge, Cambridge University Press. 1977.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003.
- ERRINGTON, S. *Recasting sex, gender and power: a theoretical and regional overview*, in Atkinson, J. e Errington, S., eds., *Power and difference: gender in Island Southeast Asia*, Stanford, Stanford University Press. 1990.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal. 1979.
- LA PIEL QUE HABITO. Direção: Pedro Almodóvar. Roteiro: Pedro Almodóvar e Thierry Jonquet. 117 min. Intérpretes: Antonio Banderas, Elena Anaya, Marisa Paredes, Jan Cornet, Roberto Álamo, Blanca Suárez Eduard Fernández. Origem: Espanha, Cor filmagem: Colorida, ano de produção 2011, Gênero: Drama.
- MACHADO, Lia Zanotta. *Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?* 2000.
- MENEZES, Sophia Padilha e SANTOS, Maria da Conceição Bezerra dos. *Estudo comparativo sobre o controle dos corpos: "A pele que habito" e Estado*. In: XV Encontro de ciências sociais do norte e nordeste e pré-ALAS Brasil. 04 a 07 de setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI.
- SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.
- ORTNER, Sherry B. e WHITEHEAD, Harriet. *Introduction: accounting for sexual meanings*, in Ortner, S. e Whitehead, H., eds., "Sexual meanings: the cultural construction of gender and sexuality". Cambridge, Cambridge University Press. 1981.
- POZZETTI, Valmir César e FONTES, Gustavo Rosa. *Bioética, transexualidade e o filme a pele que habito: uma reflexão sobre seus aspectos sociais e éticos*. Florianópolis: FUNJAB, 2012, p. 69-97.
- YANAGISAKO, S. e COLLIER, J. *Toward an unified analysis of gender and kinship*, in Collier, J. e Yanagisako, S., eds., *Gender and kinship: essays toward an unified analysis*. Stanford, Stanford University Press. 1987.